



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **IDENTIDADE DE GÊNERO ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM ESCOLA PÚBLICA DO RECIFE**

Lyvia Tavares Felix do Carmo (1); Maria Cecília Souza Pereira (2); Orientadora: Hulda Helena Coraciara Stadler (1)

*(Universidade Federal Rural de Pernambuco/FUNDAJ.*

*lyviadocarmo@gmail.com;cecisouza1984@bol.com.br;Stadler@oi.com.br)*

**Resumo:** O presente artigo aborda a questão da identidade de gênero entre estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola pública de Recife. O estudo foi realizado a partir de técnica projetiva com álbum seriado a partir da fábula Chapeuzinho Vermelho, onde foi contada a história e pedimos que as/os estudantes se identificassem com um personagem e justificasse a escolha. O trabalho de análise foi organizado e agrupado de acordo com as cinco personagens da história. As percepções que as/os participantes tinham de cada personagem, demonstrou que a razão de escolha era objetivamente pelo sexo/gênero. As justificativas para escolhas e identificações corroboram com o ideário que concebe as relações de gênero como dizendo respeito à papéis sexuais, principalmente em relação à Chapeuzinho Vermelho e a Mãe. Embora tenhamos utilizado reflexões teóricas que vão de encontro à concepção do termo de papéis sexuais, nos dados deste estudo encontramos as formas mais tradicionais de conceber as relações entre homens e mulheres.

**Palavras-chave:** Gênero, Identidade, Escola.

### **Introdução**

Este artigo é resultado da apreciação de quanto às manifestações das identidades de gênero estão presentes na escola entre adolescentes púberes. Não podemos desconsiderar o tanto que as práticas discursivas situadas na escola nos podem constituir como seres sociais: “As histórias, sempre as histórias, são as forças motrizes da vida social”... (Lopes, 2002: 13).

A formação da identidade de gênero está entrecruzada com a sexualidade, por isso é vista como questão privada e consequentemente da ordem do íntimo, que não deve ser exposto ou discutido publicamente. Nesse sentido, difícil de ser abordada. Para Louro (1997) há uma interligação entre identidade de gênero e identidade sexual, porém estes termos não devem ser vistos como a mesma coisa, já que cada um carrega em si as particularidades próprias do campo de estudos. Gênero diz respeito à construção histórica das relações entre feminino e masculino, que são construídas a partir das diferenças entre homens e mulheres, dizendo respeito às



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

representações construídas e não aos corpos sexualmente identificados, como no termo sexo. As diferentes formas como os sujeitos vivenciam sua sexualidade diz de sua identidade sexual. Já a maneira como são particularmente identificados social, histórica e pessoalmente com o *feminino* e/ou *masculino* diz respeito à identidade de gênero. Embora haja relação entre uma e outra, não podemos dizer que sejam o mesmo fenômeno. Por compreender a diferença, mas também a ligação entre identidade de gênero e identidade sexual e sua consequente dificuldade de tratar dos assuntos entendidos como da ordem do privado, elegeu-se para esse estudo uma metodologia projetiva através do reconto da fábula da Chapeuzinho Vermelho, usando ainda de recursos visuais.

### **Metodologia**

Participaram da oficina projetiva e do estudo 21 adolescentes púberes entre 10 e 11 anos, alunas/os do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade do Recife. O critério para participação na pesquisa foi ser da turma onde se realizou a oficina, na qual observações já haviam sido feitas.

O experimento deu-se em forma de oficina com álbum seriado. Para isso, foram feitas gravuras em tamanho ampliado sobre o conto e utilizadas como suporte ilustrativo para recontar a fábula. As imagens foram adaptadas ao contexto jovem numa tentativa de aproximar ao imaginário dos/as adolescentes. Assim, as personagens tinham vestes modernas e apresentavam-se com características físicas diferentes do clássico comum. Percebemos que esse foi um ponto que chamou bastante atenção das/os participantes. Segundo Leitão (2009,34) “as técnicas projetivas, por serem mais indiretas diminuem a censura defensiva, criando possibilidades de se ter acesso a vivências e sentimentos não acessíveis pelo interrogatório direto”. O método constituiu-se da apresentação da história e indagação às crianças se já a conheciam. As imagens foram reveladas pouco a pouco de acordo com a sequência do conto. As perguntas feitas ao longo do conto diziam respeito ao pôr que de cada personagem desempenhar determinadas atitudes, o porquê das reações de um em relação à atitude do outro, quais as consequências das ações das personagens. A todo instante as crianças analisavam as imagens e faziam comentários



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sobre as vestes e intenções das personagens da história. Mesmo as imagens apresentando-se desviantes da ideia clássica, os fatos não o foram. A ordem sequencial de conto seguiu a história clássica ocidental, que conta com as seguintes personagens: chapeuzinho vermelho, mãe, caçador, avó e lobo mau.

Ao fim do conto pedimos que as/os participantes se identificassem com uma das personagens e justificassem o porquê. A escolha deveria levar em conta as características não apenas físicas, mas principalmente as psicológicas e comportamentais. Como características psicológicas são consideradas: agressivo/a, egoísta, nervoso/a, inseguro/a, inteligente, impaciente, ousado/a, carinhoso/a, confiante, sensível, responsável, calmo/, paciente, corajoso/a, esperto/a, dedicado/a. Já as comportamentais são consideradas aquelas que se produzem nas situações interativas como liderança, previsibilidade, autoconfiança, persistência, consideração, fala, etc.

Para a análise que se segue tomamos como base as produções das crianças. Mesmo contando com 21 participantes, apenas 20 são utilizadas, pela impossibilidade de leitura da redação. Anotações em caderno de campo também foram utilizadas na análise. A uma análise descritiva seguiu-se uma análise interpretativa, buscando-se identificar nas falas dos sujeitos categorias emergentes que fossem relevantes ao estudo.

### **Resultados e Discussão**

Uma primeira observação importante a ser feita é sobre a escolha das personagens pelas/os participantes. Pode parecer óbvio ao primeiro olhar, mas em momento algum foram apontados critérios fechados de escolha das características de identificação, mas as sexuais sobressaíram. Pedimos que a identificação fosse feita principalmente pelas características comportamentais e psicológicas de como as personagens se apresentavam ao longo da história. Porém, a primeira forma de identificação foi através do sexo/gênero. Todos os meninos escolheram personagens machos e todas as meninas fêmeas. A identificação de sexo foi à primeira forma de indicar a escolha.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As produções das/os adolescentes foram à principal fonte de análise da pesquisa. Embora observações tenham sido anotadas em caderno de campo, resolvemos focar nossa análise da identificação que as crianças fizeram diretamente com as personagens. De acordo com o objetivo traçado anteriormente, que foi perceber de como é feita a identificação de gênero entre as/os participantes e se estas correspondem ao estabelecido tradicionalmente nas sociedades ocidentais. O trabalho de análise foi organizado e agrupado de acordo com as cinco personagens da história. Assim, o reconhecimento da identidade de cada um apresentou argumentos quase idênticos. São elas:

### **Um caçador herói**

De maneira geral, foi observada nas crianças que escolheram o caçador, que este está diretamente ligado à figura do salvador, uma figura ilustre por seu feito no desfecho final da história. Associa-se ao papel tradicional do homem cuidador e protetor da figura feminina, aspecto psicológico que está diretamente associado a um comportamento considerado nos aspectos de gênero como sendo masculino.

Esse personagem também permite a identificação com super-heróis, figuras muito presentes no imaginário infanto-juvenil dotada de poderes e que possui feitos alardeados e destaca-se por possuir habilidades distintas dos humanos comuns, tanto em fatores psicológicos, cognitivos, como de poder, entre outros.

Segundo Bettelheim (1980, p.215): “o caçador é a figura mais atraente, tanto para os meninos como para as meninas, porque salva os bons e castiga o malvado”. Na escrita de todos os cinco meninos que escolheram o caçador para identificar-se justificaram que a escolha se deu pela salvação que este proporciona. A figura do caçador como oposta à do lobo, mostrando a dualidade permanente da existência humana, o bem e o mal, pertencentes ao mesmo gênero. Então, como a escolha deu-se primeiramente pelo sexo dos personagens (as identificações correspondiam ao estereótipo de sexo e gênero), os que escolheram o caçador justificaram por



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

este ter propósitos sociais elevados, mesmo quando se utiliza de violência (abrir a barriga do lobo) para salvar as damas em perigo.

*Eu gosto mais do caçador porque ele ajuda as pessoas e eu gosto também de ajudar. Eu não gosto de fazer o mal às pessoas, quando vejo as pessoas chorando eu choro também. Eu sou muito sensível e não gosto de violência.*

Nesse depoimento percebemos que mesmo o masculino estando associado à força e coragem sempre, não há apenas uma maneira de ser homem/menino. Entre os masculinos apresentados, aquele que mais se aproxima de ideais nobres como o caçador, está mais propenso a ser interpretado como sensível às dores das outras pessoas e o não usar violência, ou usá-la apenas como mecanismo de justiça em prol do bem coletivo. Pois, “apesar das instâncias da raiva contra o lobo, o caçador percebe que é mais importante tentar salvar a Avó do que ceder à raiva matando o lobo imediatamente. O caçador se controla (...)” (Bettelheim, 1980, p.213). Já o lobo é visto nesta perspectiva como elemento que representa o mal em sua totalidade, não abrindo espaço para pensar em outros modos de ser desse personagem...

*Eu escolhi o caçador por que ele salva as pessoas e eu acho isso muito legal entre as pessoas. Eu gostaria de fazer o mesmo que ele faz, e eu acho isso muito bonito, salvar as pessoas.*

A ênfase no papel de salvador parece justificar a totalidade da escolha. A responsabilidade atribuída ao caçador por tirar a Chapeuzinho e a avó do perigo é tudo que interessa e já é o bastante para que sua figura seja tão enaltecida pelos meninos. Ter a coragem de enfrentar situações de perigo é comportamento que tipicamente associa-se ao masculino. Assim, como zelar pelo bem-estar e segurança das mulheres, que no imaginário coletivo de herança patriarcal parece não saber cuidarem-se sozinhas.

### **A mãe cuidadora**

Do total de 09 meninas que participaram do experimento, apenas uma escolheu a Mãe, como personagem que se identificava:



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

*Eu escolhi a mãe porque foi uma pessoa responsável por um lado, já por outro, deixou a filha ir sozinha à floresta levar lanche para avó. Eu escolhi a mãe porque tem mãe que deixa o filho ir sozinho para cidade, Jabotão, etc. Não existe lobo mau, mas existe tarado e matador, etc. O mundo está cheio de más intenções.*

A ênfase na função de cuidadora, e responsável pela segurança da Chapeuzinho fica bem marcada nessa fala. A autoridade materna não é em momento algum questionada, vale lembrar que não há uma figura paterna explícita que confronte essa autoridade, ela está implícita nos papéis do lobo e do caçador. As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, esposa dedicada, a rainha do lar, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada. Foi em nome da alteridade feminina, foi em nome da oposição masculino/feminino que as mulheres se viram confinadas em seu papel maternal e doméstico. (Colling, p.14, 2004). Os papéis sexuais, tanto masculinos como femininos, são produtos na configuração do poder, são lugares ocupados em uma situação estratégica complexa, que dotam o masculino de um maior exercício de poder que a mulher.

Percebemos como a participante traz pra si a justificativa da escolha e apresenta argumentos contemporâneos para sustentar a defesa do papel de cuidadora que a mãe deve ter. Ela sabe que o Lobo mau é uma representação simbólica, mas deixa bem claro que existem encarnações de lobo mau em pessoas, tanto que faz a referência a “tarado e matador”. Assim, traz para suas vivências cotidianas a representação a Chapeuzinho e o significado da história para sua vida. “A identificação pode ser definida como um processo no qual o indivíduo assimila profundamente aspectos e características de outra pessoa, se transformando total ou parcialmente segundo o modelo daquela pessoa”. (Laplanche; Pontalis, 1983, p.295 *apud* Leitão, p.27, 2009). Essa menina deve ter conhecimento ou até mesmo já ter sido vítima de algum tipo de violência, tanto que a experiência da Chapeuzinho com o perigo foi tão significativa pra sua escolha. Assim sendo, o perigo está manifesto no espaço público, espaço masculino, onde as mães não devem deixar as filhas frequentarem para zelar por sua integridade física e emocional. O espaço



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

doméstico acaba assim sendo o “adequado” para manter a ordem das coisas e como natural das mulheres. Segundo Paterman,

[...] as mulheres e a vida doméstica simbolizam a natureza. A humanidade pretende transcender uma existência meramente natural, de maneira que a natureza sempre se considera como algo de ordem inferior à cultura. A cultura se identifica com a criação e o mundo dos homens porque a biologia e os corpos das mulheres lhes aproxima mais à natureza e porque a educação dos filhos e as tarefas domésticas [...] as mulheres e a esfera doméstica aparecem como algo inferior à esfera cultural e as atividades masculinas, de maneira que as mulheres se consideram como seres necessariamente subordinados aos homens. ( *apud* Colling, 2004, p.22).

### A avó

Aparentemente figuras que representam autoridade e mais velhas, como vovó e madrinha são para essas meninas modelo de pessoas corajosas e que passam ideia de segurança ao estarem próximas. A escolha pela avó foi feita pela associação da personagem com um alguém externo, nesse caso um ente querido. Elas não se identificam diretamente, mas sim outra pessoa com as características da avó.

*Porque ela foi muito corajosa de ficar esse tempo todo dentro do lobo sem medo, sem nada. Ela parece um pouco com a minha vovó, por isso eu me identifico com ela.*

*A vovó por que ela foi muito corajosa de ficar dentro do lobo sem medo sem ter nada, só gritar, né? Por que ninguém aguenta ficar lá dentro calada. E ela parece um pouco com a minha madrinha, por isso me identifico com ela, porque parece com minha madrinha.*

O processo de identificação é singular, mas aqui elas identificam-se por associar a uma pessoa com grande relevância para suas vidas. Diferentemente da que escolheu a mãe sob o termo do dever com o cuidado e zelo pela prole, a avó aparece como figura corajosa por conseguir sobreviver à estada dentro do lobo. O fato de a avó estar em outra fase da vida, representando simbolicamente o oposto de Chapeuzinho, a saída da vida fértil, o abandono dos prazeres mundanos enquanto Chapeuzinho está em fase de descoberta, de enfrentar dilemas



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

psicológicos com a chegada da puberdade, então identificar-se a si própria com essa personagem parece ser incompatível, principalmente pela questão geracional, elas não se veem na Avó, mas sim visualizam outra pessoa nessa personagem que certamente é de grande préstimo para elas. De acordo com Bettelheim (p.216, 1980), “os avós devem ter utilidade para a criança – devem ser capazes de protegê-la, ensiná-la e alimentá-la; caso contrário são reduzidos a uma forma primitiva de existência”.

### **O lobo malvado**

A percepção dos meninos que escolheram o Lobo Mau (seis ao total) em relação às características do personagem aparece permeada pelas ideias de malvado e esperto, tendo nesses atributos conotações positivas ao tratar-se da representação do masculino. Ao contrário dos que escolhem o caçador por sua capacidade de salvação, a escolha pelo lobo dar-se por esse ser a outra representação do masculino existente, o anti-herói. Aquele capaz de ludibriar a todos e dar-se bem à custa da desgraça alheia. A malícia evocada nos depoimentos, sua inclinação para o mal parece exercer fascínio nos meninos.

*Eu escolhi o lobo porque ele foi o mais sabido da história. Ele enrolou chapeuzinho. E no final da história, foi muito besta na hora de falar com chapeuzinho vermelho.*

O ideal de masculinidade que se constrói traz muito do cotidiano onde o adolescente é socializado, embora haja o modelo hegemônico do masculino, variações ocorrem a partir do local. No depoimento a seguir, visualizamos como as projeções são feitas para a história de fada adquirir significado e relevância para o momento que o púbere vive.

*Eu escolhi o lobo porque ele é muito esperto, gostei muito dele. E ele fica com o traficante, por isso o escolhi, então o lobo é muito esperto.*

Estar com o “traficante” é elemento de valor e, portanto objeto de escolha, já que se espera de um “fora da lei” atitudes subversivas como as desempenhadas pelo Lobo Mau. Importante lembrar que em momento algum durante o conto foi feita menção ao tráfico de



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

drogas, esse elemento foi expresso durante o depoimento escrito pelo participante como forma de dar sentido a escolha pelo Lobo Mau na hora de sua identificação.

*Eu gostei do lobo porque ele come pessoas e come carne. Ele é feroz e malvado, e ele come a vovó e a Chapeuzinho vermelho.*

O prazer do devoramento da carne (até mesmo pela menção ao canibalismo) expresso acima, a positividade da maldade e o apelo ao feroz relacionam-se com padrões instituídos como masculinos, tornando assim o homem/menino que o adere inteligível em relação ao seu gênero.

### **Chapeuzinho: personificação do feminino**

Enquanto exercício de feminilidade está principalmente associado a um modo de ser do feminino tradicional. Seis das meninas que participaram escolheram a Chapeuzinho Vermelho e o fizeram sob justificativas da personagem apresentar aspecto psicológico como doce, amável, meiga, e comportamental: ajuda a família. A personagem, que é uma púbere assim como as participantes da pesquisa enfrenta dilemas comuns a essa fase. O desempenho do papel sexual esperado, a saída para o público (ida à casa da avó) que apresenta perigos, mas também aparece como exercício de liberdade, de encantamento para além do confinamento doméstico que é reservado às mulheres ainda hoje. O dilema de Chapeuzinho pelo prazer é apresentado quando ela só para de colher flores quando já não consegue carregá-las, então se volta para seu objetivo principal e segue pra casa da avó. O contato com o outro sexo, que embora seja considerado perigoso é dotado também de curiosidade. Porém, essa ambivalência da personagem que está presente no conto não aparece nos depoimentos, ela é apenas tida como sinônimo de pureza e doçura.

*Eu escolhi a chapeuzinho vermelho porque ela não é uma menina oferecida, ela quer o melhor pra sua mãe e sua avó. Ela é uma menina bonita, doce e amável. Ela quer salvar sua mãe do perigo, ela é inteligente. Ela me identifica porque sou uma menina inteligente, doce, amável e amiga.*



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A referência ao ser “oferecida” diz respeito ao expor-se para o outro, na maioria das vezes um homem pela marca heteronormativa de nossa sociedade, diz respeito ao contato afetivo-sexual que está presente nessa fase da vida quando se começa a ter no sexo oposto não mais uma repulsa, mas a possibilidade de relacionar-se. A correspondência que tem a personagem para essa participante, diz respeito à projeção de si que ela faz sobre o conto de fadas. “A estória só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre espontânea e intuitivamente os significados previamente ocultos. Esta descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma” (Bettelheim, p.206, 1980).

*Eu identifico que chapeuzinho é uma personagem que sempre todos gostam da personagem dela, das histórias, dos filmes, brinquedo, enfeite de geladeira e muitos... E eu sempre vou gostar e todos. Eu gostei também por que ela sempre faz uma boa personagem e quem se veste dela, tem o prazer de ser igual a ela e que trabalha com que quer ser igual a ela trabalha muito bem e gosta dela.*

Interessante à separação que essa participante faz entre quem interpreta a personagem em diversos contextos, sua escolha pelo que ela nos diz deu-se por que essa é uma personagem que todos gostam e ela também. Mas não fica aparente a identificação pessoal por algum traço psicológico e comportamental, a justificativa parece ser pura e simplesmente pela legitimidade que a personagem tem em diversos espaços que aparece.

*Chapeuzinho me identifica porque ela gosta de ajudar sua mãe e sua avó, ela é bonita e delicada. É dedicada à família, é meiga, corajosa e gosta de cantar pelo caminho que lhe leva. Ela além de ajudar sua família, ela é amorosa com ela.*

*Chapeuzinho vermelho me identifica uma garota inteligente, meiga, doce e querendo o melhor para a sua família. Como tem na história chapeuzinho preocupada com a saúde da sua avó, levou alguma comida para ela se alimentar. Então é isso.*

As meninas expressam suas identificações levando em conta as características historicamente vinculadas ao feminino, à personagem parece agregar várias dessas



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

características. Além desses aspectos aparece também a preocupação com a saúde da avó. O cuidado com crianças e idosos sempre foi labor considerado da ordem do privado e, por conseguinte, dizendo respeito às mulheres. A referência a ajudar a família parece ser a expressão do trabalho doméstico, que desde cedo meninas experimentam a partir da desigual situação entre estas e os meninos.

### **Conclusões**

De acordo com o objetivo estabelecido nesta pesquisa, que foi perceber as identidades de gênero entre estudantes e como estas se fazem presentes na escola, podemos perceber que as/os pré-adolescentes participantes deste experimento concebem as relações entre feminino e masculino de forma hegemônica. A escola apresenta-se como instituição normativa, que pode reproduzir ou transformar as relações de gênero. Porém, por experiência histórica percebemos que neste espaço têm-se adotado mecanismos de imposição de regras de conduta que não permitem a livre expressão de si.

As justificativas para escolhas e identificações corroboram com o ideário que concebe as relações de gênero como dizendo respeito a papéis sexuais, principalmente em relação à Chapeuzinho Vermelho e a Mãe. Embora tenhamos utilizado reflexões teóricas que vão de encontro à concepção do termo de papéis sexuais, nos dados deste estudo encontramos as formas mais tradicionais de conceber as relações entre homens e mulheres. Reforçando o que Louro (1997) chama de engessamento na hora de conceber as relações sociais de gênero. As personagens são vistas sob ótica que reforça a lógica funcionalista das relações sociais. Os personagens masculinos (Caçador e Lobo Mau) mesmo sendo do mesmo gênero, parecem ser pólos opostos dentro do mesmo gênero. As personagens femininas estão sempre ligadas aos argumentos relativos ao cuidado, à responsabilidade para com os/as outros/as. A Chapeuzinho que se preocupa com a Avó, a mãe que se preocupa com Chapeuzinho. Quanto aos personagens masculinos não há menção alguma sobre isso. Mas sim, uma batalha entre o mal (Lobo) e a salvação dos “femininos” feitas pelo Caçador.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A técnica projetiva indireta foi uma ferramenta que possibilitou trazer à tona as reflexões sem que as/os adolescente se sentissem invadidos ou envergonhados na hora de justificar as escolhas. Por ser uma identificação indireta, onde tinham que apontar as características das personagens sem ter que haver um comprometimento objetivo de si, percebemos que facilitou a aproximação. E as vivências foram trazidas à tona sem que precisássemos perguntá-las diretamente.

### Referências Bibliográficas

BETELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino In: STREY, M. N; CABEDÁ, S. T. L; PREHND. R. **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

HIDALGO, V. e PALÁCIOS, J. O desenvolvimento da personalidade dos 6 aos 12 anos. In: COLL, C.; PALACIOS, J. e MARCHESI, A. (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. (vol. 1, pp. 243-249).Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LEITÃO, H. A. L.; STADTLER, H. H. C.; SILVA, M. H. P. D. ; MENDONCA, Z. R. L.. Conversando com famílias sobre o pai e a paternidade. In: LEITÃO, H. de A. L.; OLIVEIRA, A. A. S. de. (Org.). **Infância e juventude na contemporaneidade: ouvindo os protagonistas**. 1ª ed. Maceió: EDUFAL, 2009, v., p. 25-50.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOPES, L. P. M. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'amorim e Paulo Sergio Lima Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1981